

**XV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA  
26 A 29 DE JULHO DE 2011, CURITIBA (PR)  
GRUPO DE TRABALHO: ENSINO DE SOCIOLOGIA**

**Título do Trabalho: A “Imaginação Sociológica” e o “Aprender a Filosofar”:  
uma relação entre Sociologia e Filosofia**

Autores: Eduardo Gomes de Melo (Universidade do Contestado)  
Sandro Luiz Bazzanella (Universidade do Contestado)  
Walter Marcos Knaesel Birkner ( Universidade do Contestado)

No Brasil uma das marcas na relação da Sociologia com a Filosofia foi a busca de uma delimitação entre estas duas áreas. No meio acadêmico e educacional isso se mostrou cada vez mais explícito. Esta distinção sempre buscou a delimitação de cada um dos campos, inclusive como certa marca de identidade das áreas, numa tentativa de cada uma ter seu espaço específico. Uma demarcação que se deu para não serem deixadas de lado ou mesmo dadas como insertas no campo do conhecimento brasileiro.

Quando se investiga os clássicos da sociologia no Brasil pode-se ver esta distinção, há uma demarcação muito forte do objeto da sociologia e dos estudos realizados neste campo. Têm-se inclusive muitas obras focalizando como ver a interpretação especificamente sociológica de cada autor, seu método, seu objeto, sua teoria sociológica de modernidade, etc. Porém, os três clássicos têm vastas obras que podem servir de embasamento no entendimento não só da sociologia, mas também de muitas outras ciências sociais (Marx, na economia e na história; Weber também economia e história; Durkheim nas ciências da educação, na antropologia, etc.). Mas é possível principalmente compreender os clássicos no seu diálogo com a filosofia. Em Marx esta filosofia começa na sua crítica à dialética de Hegel. Além disso, entender o materialismo histórico é buscar o sentido do conflito na história dos homens. Durkheim, por mais que queira tentar marcar uma cisão (GIDDENS, 2001) dele com a filosofia, mostra se ligado à filosofia positiva de Auguste Comte. Já Max Weber tem na sua herança da filosofia alemã influências de Kant e Nietzsche. Além de sua definição do objeto da sociologia (ação social) se tratar de uma compreensão de sentido, muito próximo a uma discussão filosófica.

Enfim, no decorrer do desenvolvimento da sociologia enquanto ciência, esta sempre esteve em ampla sintonia com o conhecimento filosófico. Principalmente nos marcantes momentos em que as reflexões sociológicas se esgotaram ou precisaram ser refeitas, recriadas no limite em que o conhecimento científico se fecha em si. Quase todas as grandes tendências sociológicas tiveram esta contribuição filosófica.

Como no traz Ortiz (2003), apesar de filosofia e sociologia se mostrarem conflitivas nos diálogos estabelecidos por vários pensadores dos dois campos do conhecimento: "A filosofia é um universo presente no dialogo ou no confronto entre as disciplina [das ciências sociais] (...). O discurso filosófico torna-se, assim, uma referência obrigatória para os cientistas sociais, delimitando o debate teórico em

diversos momentos: quem faz a história, o homem ou as classes sociais; estruturalismo x humanismo; crítica a noção de universal (...)" (p. 15). O cientista social brasileiro destaca em seu livro sobre Bourdieu que o autor francês também atinge uma interconexão entre sociologia e filosofia, mesmo ao tentar negar a segunda, na busca da solidez da primeira. "O projeto pessoal de Bourdieu se insere, portanto, num campo de disputa: na verdade, para realiza sua ambição, ele teve de se alimentar da Filosofia e romper com ela" (idem). Ortiz também cita que a Filosofia serviu a sociologia como fundamento para crítica ao empiricismo, principalmente de origem norte-americana, feita por parte de intelectuais das ciências sociais européias (idem, p. 16). Neste argumento, se tenta mostrar que a ausência de certas reflexões no campo da sociologia pode prejudicar e limitar esta ciência.

Por isso é necessário considerar as verdadeiras formas de compreensão da sociologia e da filosofia, de exercício dos dois conhecimentos: a "imaginação sociológica" (MILLS, 1982) e a arte de "aprender a filosofar" (KANT, 1999). Na obra do sociólogo norte-americano C. Wright Mills (idem) o conceito de imaginação sociológica "(...) capacita seu possuidor a compreender o cenário historio mais amplo, em termos de seu significado para a vida íntima e para a carreira exterior de numerosos indivíduos. Permite-lhe levar em conta como os indivíduos, na agitação de sua experiência diária, adquirem frequentemente uma consciência falsa de suas posições sociais" (idem, p. 11). Acrescenta-se a isso "A Imaginação Sociológica nos permite compreender a história e a biografia e as relações de ambas, dentro da sociedade" (Mills, p. 12). Isso demonstra a importância da relação indivíduo sociedade, como uma relação fundamental. Na obra de Kant, temos na *Crítica da Razão Pura* (idem), que "Só é possível **aprender a filosofar**, ou seja, exercitar o talento da razão, fazendo-a seguir os seus princípios universais em certas tentativas filosóficas já existentes, mas sempre reservando à razão o direito de investigar aqueles princípios em suas fontes, confirmando-os ou rejeitando-os" (p. 495, negrito nosso).

Em ambos os casos o desenvolvimento do conhecimento está ligado a prática de reflexão, a um pensar e não somente ao resgate da história das ideias sociológicas ou filosóficas. Trata-se de um exercício conceitual. Porém, as bases de fazer devem estar nestas duas áreas. Sendo assim, a sociologia e a filosofia se aproximam tanto. Mesmo sabendo das distinções existentes entre elas em alguns momentos confundem-se as ideias, as reflexões. A partir do momento que se

considera esta proximidade da sociologia com a filosofia mostra-se o quanto a primeira depende da segunda.

Pode-se também interpretar a sociologia e a filosofia como conhecimento social, ambas como uma forma específica de expressão do mundo de onde se originam. Autores como Giddens (1991) e Bourdieu (1999) alegam que a sociologia tem relações com o mundo social do qual nascem: “*O Conhecimento sociológico espirala dentro e fora do universo da vida social, reconstituindo tanto este universo quanto a si mesmo como uma parte integral deste processo.*” (GIDDENS, idem, p. 24, itálico do autor).

A partir disso, o objetivo aqui será o de entender esta relação da sociologia e da filosofia como disciplinas que são ensinadas na educação básica brasileira.

Para Durkheim a sociologia teria como um de seus papéis fundamentais a formação do cidadão na sociedade moderna, possibilitar que ele não seja um ser limitado diante da complexidade que a modernidade assume. Uma sociedade em que a informação ganha destaque, em que as relações culturais mostram-se mais intensas, na qual o capitalismo se torna um sistema econômico global, em que a comunicação liga distâncias continentais. Mas também uma sociedade que mostra suas contradições, isto se faz ao mantermos ou quase não diminuirmos nosso ritmo de destruição do meio ambiente; ao sermos insensíveis diante da desigualdade social; ao permitirmos e incentivarmos guerras e conflitos entre nações; ao não nos indignarmos com a corrupção sem tomarmos atitude, ou seja, ao não praticarmos a ação (no sentido dado por Hannah Arendt (1999)). Assim, é com esta realidade que o aluno do ensino médio vai se confrontar. Por isso a necessidade da sociologia, que busca o entendimento dela, porém indo além das compreensões comuns da sociedade. Preparando este indivíduo para o viver em sociedade. A LDB, 1996 destaca como objetivo da sociologia e da filosofia no ensino médio a preparação do aluno para “mundo do trabalho e a prática social” e também para o “exercício da cidadania”.

Mas para que isso ocorra é necessário que a sociologia e a filosofia transformem seus saberes em saberes escolares. Para que a sociologia como ciência dominada pelo sociólogo (parece até redundante!), como conhecimento investigativo, como interpretação crítica e tenaz da realidade social, se torne o conhecimento a ser transmitido ao adolescente contemporâneo. Que a filosofia como expressão da razão, do conhecimento humano que a mais de 2 mil anos vem

auxiliando os homens a refletirem sobre si e sobre o seu universo também faça parte deste pensamento do jovem do ensino médio brasileiro.

Porém outra questão surge: como realizar esta transformação? Uma das primeiras formas para aproximar da realidade escolar é a busca do distanciamento do aluno desta sua realidade, ou seja, buscar desenvolver seu pensamento crítico com relação ao mundo em que vive. Mas como fazer isto? Como desenvolver a capacidade crítica do aluno com referência a sociedade, ao meio em que ele vive? Como buscar a reflexão racional sobre o ser neste mundo escolar? O que torna a sociologia diferente das outras ciências na abordagem do social? E mais especificamente, quais os papéis da sociologia e da filosofia na escola brasileira?

É aqui que deve-se saber a importância das já citadas acima “imaginação sociológica” (MILLS, 1982) e a arte de “aprender a filosofar” (KANT, ) para desenvolver o senso crítico. Isto porque não somos questionadores se não temos outras formas de compreender.

No caso da sociologia, é única nesta sua capacidade, pois não é por preciosismo acadêmico, ou imposição legal, que o professor de sociologia precisa ter um longo tempo de formação, de aprendizagem de conceitos que abordam o social sociologicamente. Alega-se na sociologia: um problema social nem sempre é um problema sociológico. Vemos isso em Bourdieu (2003)<sup>1</sup>. Por isso, deve-se trazer ao aluno o questionamento possibilitando a visão sociológica. A sociedade mostra sua complexidade num rol de temáticas que a sociologia aborda. A maioria delas é central na vida dos alunos do ensino médio. Destas quais eles criam representações sociais que possibilitam inclusive na criação de suas identidades sociais.

Já se tem claro que o objetivo não é passar ao aluno do ensino médio um conjunto de conceitos que o professor estudou e trabalhou na sua formação acadêmica. Não se pretende formar sociólogos neste processo. Mas sim propiciar ao educando acesso a uma compreensão da realidade social, possibilidade que os conceitos sociológicos aprendidos pelo professor podem dar.

À medida que se possibilita ao aluno mais uma óptica do viver social e do ser, ele terá acesso a mais de uma forma de entendimento sobre o seu mundo e sobre si.

Mas para que o aluno alcance a capacidade de imaginar sociologicamente

---

<sup>1</sup> “Era necessário, também, construir os problemas sociológicos em oposição aos ‘problemas sociais’ do ‘senso comum’, do jornalismo ou da política por meio de operações que, quando atingem o sagrado, estão fadadas a parecer sacrílegas” (p. 32)

é necessário a ele ter sua prática de reflexão do pensamento racional, ou mesmo, do exercício do filosofar. O princípio da razão está em ambas as formas de conhecimento, a sociologia e a filosofia, por isso é na forma de pensar teórica que elas se aproximam e se entrelaçam tanto. Além do que, como diz Hegel (1974):

A filosofia desponta num determinado momento de desenvolvimento da cultura. Contudo, os homens não criam uma filosofia ao acaso: é sempre uma determinada filosofia que surge no seio dum povo, e a determinação do ponto de vista do pensamento é idêntica à que se apodera de todas as demais manifestações históricas do espírito desse povo, está em íntima relação com elas e delas constitui o fundamento. Deste modo, a forma particular duma filosofia é sincrônica com uma constituição particular do povo, onde ela aparece, com as suas instituições, com as suas formas de governo, com a sua moralidade, com a sua vida social, com as atitudes, hábitos e preferências, com as suas tentativas e produtos científicos, com a sua religião, com os seus êxitos militares, com todas as circunstâncias externas, não menos que com a decadência dos Estados em que este princípio particular impusera a sua supremacia, e com a formação e progresso de novos Estados, nos quais surge e se desenvolve um princípio mais alto. (p. 31)

Ou seja, filosofar é pensar o mundo e o tempo em que vive.

A partir dos argumentos até aqui expostos é oportuno ter presente e, afirmar uma vez mais, que um dos objetivos centrais do ensino da sociologia e da filosofia no Ensino Médio, implica no desenvolvimento da capacidade crítica e criativa das formas de pensar, refletir sobre a multiplicidade de possibilidades que o mundo, a vida e, a sociedade apresentam de forma desafiadora ao jovem estudante secundarista no contexto político, econômico, social, cultural local e global em que se encontra inserido.

Porém, o alcance deste nobre e indispensável objetivo educacional, diante da complexidade das relações em curso no atual contexto de mundo, requer uma concepção de sociologia e filosofia adequada à estas realidades, bem como um conjunto de prerrogativas, percepções e conceitos que sustentem a compreensão da sociologia como possibilidade de desenvolver o raciocínio sociológico, e da filosofia, como exercício do filosofar em torno da temporalidade do mundo que abriga a vida em sua totalidade e a existência humana em suas especificidades.

Assim, em nossa compreensão um dos primeiros desafios à ser considerado no ensino da sociologia e da filosofia no Ensino Médio e, que se apresenta comum ao desenvolvimento do raciocínio sociológico e ao exercício do filosofar é o alcance da originalidade da reflexão, do pensamento. Exercitar sociologicamente e filosoficamente o pensamento significa pretender ser original no exercício reflexivo e ativo do pensamento. Evitar aceitar as explicações e a visão de

mundo dos outros. É preciso colocar a prova o mundo de segunda mão que se apresenta a nós através das tradições, dos hábitos, dos costumes, das superstições e das instituições que nos precederam e, nas quais nos constituímos como seres humanos.

O alcance da originalidade de pensamento pressupõe certa dose de ceticismo em relação ao mundo que outros seres humanos nos apresentaram e, nos apresentam na facticidade cotidiana em que inserimos nossa existência. Apreciemos as palavras do filósofo francês René Descartes (1596-1650) em seu escrito intitulado: *“Discurso do Método: Para bem conduzir a própria razão e procurar a verdade nas ciências.”*

Depois de me ter assim assegurado destas máximas, e de as ter posto à parte, com as verdades da fé, que sempre foram as primeiras na minha crença, julguei que, quanto a todo o restante de minhas opiniões, podia livremente tentar desfazer-me delas. (...), todo meu intuito tendia tão somente a me certificar e remover a terra movediça e a areia, para encontrar a rocha ou a argila. O que consegui muito bem, parece-me, tanto mais que, procurando descobrir a falsidade ou a incerteza das proposições que examinava, não por fracas conjeturas, mas por raciocínios claros e seguros, não depara quaisquer tão duvidosas que delas não tirasse sempre alguma conclusão bastante certa, quanto mais não fosse a de que não continha nada de certo. (DESCARTES, 1973, p. 52)

Um segundo desafio que se apresenta ao desenvolvimento do exercício filosófico e sociológico no Ensino Médio e vinculado a originalidade da capacidade reflexiva é a livre vazão da potência do pensamento. Definir o filósofo e a sociologia como potência do pensamento, significa ter presente que filosofar e raciocinar sociologicamente são uma postura vital para que os jovens sejam desafiados a se colocar em constante abertura diante dos fatos, dos fenômenos, dos acontecimentos, dos seres humanos e do mundo, desprovido de juízos de valor, de preconceitos, de opiniões ou de posturas similares, próprias de quem permanece preso a uma visão epidérmica, superficial, em relação à existência e ao mundo.

A intensidade e a originalidade da sociologia e da filosofia esta estreitamente vinculada à potência de pensamento que o sociólogo e o filósofo colocam em jogo na interpretação da presentidade temporal em que estão inseridos. O exercício sociológico e o filosofar são exigentes. Não coadunam com a simplicidade argumentativa, com a displicência discursiva, ou com a aceitação ingênua de explicações e visões de mundo. Exigem que quem os pretenda alcançar, faça a experiência da potência, de levar ao limite da crítica suas assertivas filosóficas e sociológicas. Mais do que isto, a potência do pensamento necessária ao

exercício do filosofar e do raciocínio sociológico coloca o filósofo e o sociólogo diante da necessidade de reconhecer os limites do próprio pensamento. Porém, ao dar-se conta de suas limitações no ato de pensamento, encontra-se a potência que o instiga, o impulsiona a superar os limites de seu pensamento, a expandir seus horizontes conceituais e argumentativos em torno da cosmovisão em curso em determinado contexto. O filósofo italiano Giorgio Agamben (1942 ...), em sua obra: “La potencia Del pensamiento” (2007), argumenta em torno da experiência da potencia pensamento.

A todo homem chega o momento em que deve pronunciar este “eu posso” que não se refere a nenhuma certeza nem a nenhuma capacidade específica, e que, no entanto o compromete o coloca completamente em jogo. Esse “eu posso” para além de toda faculdade e de todo saber fazer, esta afirmação que não significa nada, põe o sujeito imediatamente frente a experiência mais exigente – e não obstante iniludível – com o que lhe é dado confrontar-se: a experiência da potência. (AGAMBEN, 2007, p. 352)

Outro desafio que se apresenta ao ensino da filosofia e da sociologia no Ensino Médio, a partir do pressuposto de que estas duas áreas do conhecimento e do entendimento humano se vinculam a potência do pensamento é ter presente que este exercício está vinculado com o tempo presente. O filósofo e o sociólogo são filhos de seu tempo. Na constituição de uma perspectiva filosófica e sociológica apresenta-se a originalidade da potência de um pensamento que pensa, reflete, analisa e interpreta o curso dos fatos e dos acontecimentos de seu tempo em profundidade. É o alcance desta profundidade analítica que faz com a filosofia e a sociologia em certas circunstâncias, sejam vistos por grande parte das pessoas, como algo ou alguém inacessível, difícil e incompreensível, desvinculado do mundo real, do cotidiano, dos prazeres e das dores em torno dos quais as pessoas em sua cotidianidade se movem.

No contraponto destas percepções, pré-concepções, senão pré-conceitos, pode-se dizer que o filósofo e o sociólogo trabalham sobre a realidade mais concreta possível, pois aquilo que comumente as pessoas chamam de realidade é a multiplicidade de coisas, de entes, objetos, seres vivos e idéias elevadas ao plano do conceito, ao plano do discurso humano. Assim, a realidade é aquilo que os seres humanos dizem ser a realidade. Ela não existe como algo em si mesmo, fora da inventividade humana de nomear os objetos em seu entorno e, a partir desta condição articular discursos sobre a realidade. Não desconhecemos o fato de que existem entidades objetivas em nosso entorno, no plano da materialidade, mas



deixados em si mesmos não constituem a realidade do mundo em que vivemos. O mundo, a realidade em que inserimos nossa existência é o resultado das projeções imaginativas, simbólicas e ideais articuladas pelos seres humanos no mundo da vida, das relações articulados pelo plano discursivo.

Os argumentos até aqui arrolados estão vinculados ao pensamento do filósofo alemão Georg Wilhelm Friedrich Hegel (1770 – 1831), para quem a filosofia, e neste caso válido também para a sociologia, são filhas de seu tempo e, compete à elas colocar o próprio tempo em pensamento, elevar ao plano do trabalho conceitual a realidade em sua multiplicidade de possibilidades interpretativas e analíticas. Compete à filosofia a sociologia a compreensão da totalidade em torno da qual se move a vida humana.

Desta forma, a partir da concepção hegeliana de filosofia e por extensão de sociologia é possível reconhecer outra exigência do exercício filosófico e sociológico aos jovens do Ensino Médio, de apreender, compreender as relações sociais em que se constitui o mundo e a vida em sua totalidade. Desde os gregos antigos sabemos que a sabedoria brota do exercício do pensamento, da reflexão entorno da multiplicidade de formas e relações que constituem o mundo e, diante desta constatação, de reconhecer os limites e as pretensões humanas de conhecimento. Pensa-se porque se reconhecem os limites da linguagem, dos conceitos, do pensamento e da humana condição na compreensão da existência e do mundo em sua totalidade. “Pensamos e falamos porque experimentamos, mais do que a possibilidade, a impossibilidade de fazê-los, a falta de fundamento das atividades humanas.” (NODARI, 2007, p. 64)

Portanto, insistimos nisto o que caracteriza o exercício filosófico e sociológico é pensar profundamente o próprio tempo em seus pressupostos ontológicos, políticos e éticos e, conseqüentemente, seus desdobramentos na composição das relações sociais que articulam o mundo e a vida humana. Esta postura de colocar o próprio tempo em pensamento lança o filósofo e o sociólogo na contemporaneidade. Exemplo marcante entre outros e, vinculado a tradição hegeliana é o do filósofo alemão Friedrich Wilhelm Nietzsche (1844-1900). O filósofo do além-do-homem como Nietzsche é conhecido, viveu intensamente a sua contemporaneidade, porque se encontrava engolfado em seu tempo e, isto o movia à pensá-lo, questioná-lo em seus pretensos avanços técnicos e científicos, nas orgulhosas propostas e promessas de prosperidade, de progresso científico, cultural,

político e valorativo em relação à vida. “Para os sinais de ascensão e declínio tenho um sentido mais fino do que homem algum jamais teve, nisto sou o mestre *par excellence* – conheço ambos, sou ambos.” (NIETZSCHE, 1995, p. 23).

Nietzsche situa, isto é, a sua pretensão de “atualidade”, a sua “contemporaneidade” a respeito do presente, em uma desconexão e em uma discrepância. Realmente pertence ao seu tempo, é realmente contemporâneo quem não coincide perfeitamente com ele nem se adequa as suas reivindicações e, portanto, neste sentido, inatual; mas, por isso mesmo, e através desta mesma separação e deste anacronismo, ele é capaz, mais do que os outros de perceber e captar o seu tempo.<sup>2</sup>

A contemporaneidade de Nietzsche, que se materializa em seu filosofar, situa-se na paradoxal relação com o próprio tempo. Por um lado, reconhece seus sintomas de decadência, de perda de sentido e finalidade em relação aos referenciais norteadores da existência, da vida na plenitude dos jogos de força, de vontade de poder. Por outro lado, ao invés de permanecer preso à sentimentos e propostas nostálgicas, ou ainda, refugiar-se nas realizações de outros tempos, assumindo-os como parâmetros orientadores da vida, empenha-se em se apropriar do tempo presente, denunciando o esgotamento, a ausência de sentido e finalidade existencial e, sob tais prerrogativas, pretendendo transvalorar os valores, alicerçar outras perspectivas vitais à existência em sua totalidade. “A contemporaneidade, portanto, é uma singular relação com o próprio tempo, que adere a este e, ao mesmo tempo, dele toma distância; mais precisamente, essa é a *relação com o tempo que a este adere através de uma dissociação e um anacronismo*.”<sup>3</sup>

De fato, a contemporaneidade se escreve no presente assinalando-o antes de tudo como arcaico, e somente quem percebe no mais moderno e recente os índices e as assinaturas do arcaico pode dele ser contemporâneo. Arcaico significa: próximo da *arké*, isto é, da origem. Mas a origem não está situada apenas num passado cronológico: ela é contemporânea ao devir histórico e não cessa de operar neste, como o embrião continua a agir nos tecidos do organismo maduro e a criança na vida psíquica do adulto. A distância – e, ao mesmo tempo, a proximidade – que define a contemporaneidade tem o seu fundamento nessa proximidade com a origem, que em nenhum ponto pulsa com mais força do que no presente. (AGAMBEN, 2009, p. 69)

---

<sup>2</sup> Nietzsche situa, cioè, la sua pretesa di “atualità”, la sua “contemporaneità” rispetto al presente, in una sconnessione e in una sfasatura. Appartiene veramente al suo tempo, è veramente contemporaneo colui che non coincide perfettamente con esso né si adegua alle sue pretese ed è perciò, in questo senso, inattuale; proprio per questo, proprio attraverso questo scarto e questo anacronismo, egli è capace più degli altri di percepire e afferrare il suo tempo. AGAMBEN, Giorgio. **Nudità**. Roma: Nottetempo, 2008, p. 20.

<sup>3</sup> La contemporaneità è, cioè, una singolare relazione col proprio tempo, che aderisce a esso, e insieme, ne prende le distanze; più precisamente, essa è *quella relazione col tempo che aderisce a esso attraverso una sfasatura e un anacronismo*. Ibidem, p. 21.

No conjunto das reflexões até aqui desenvolvidas, procurando ressaltar as exigências a importância do raciocínio sociológico e do exercício filosófico na formação crítica, criativa do jovem de Ensino Médio, anunciá-la em sua contemporaneidade significa reconhecer também sua extemporaneidade. Ao inquirir profundamente o próprio tempo, o filósofo e o sociólogo tornam-se extemporâneos. Paradoxalmente compromisso analítico e interpretativo com seu tempo lança-os para fora do mesmo. E observe-se que somente aqueles que assumem esta condição de pertencer ao seu tempo, tempo em que transcorre a experiência vital e, concomitantemente conseguem desvincular-se dele, podem alcançar a compreensão dos fatos, dos acontecimentos que compõem o mundo em sua totalidade de possibilidades, limites e contradições.

A extemporaneidade da filosofia e da sociologia, residem nesta condição de se apresentarem vinculadas ao próprio tempo e, paradoxalmente distanciarem-se dele, como forma de interpretá-lo em sua presentidade. Marx e Nietzsche (salvaguardadas as diferenças conceituais e analíticas divergentes) vivenciaram com intensidade sua temporalidade extemporânea, vejamos o que Nietzsche tem a nos dizer a esse respeito: “Conheço a minha sina. Um dia, meu nome será ligado à lembrança de algo tremendo – de uma crise como jamais houve sobre a Terra, da mais profunda colisão de consciências, de uma decisão conjurada contra tudo o que até então foi acreditado, santificado, requerido.” (NIETZSCHE, 1995, p. 109)

O filósofo que anunciou a morte de deus reconhece que o exercício do pensamento filosófico e sociológico é uma experiência vital marcada pela solidão realizada em profunda sintonia com os fatos, com os acontecimentos humanos e mundanos. Afinal, pensar em profundidade o mundo em que estamos inseridos exige silêncio, capacidade de observação e, reflexão na tentativa de compreensão da totalidade do mundo em sua multiplicidade de possibilidades e potencialidades existenciais. Mas, também o exercício filosófico e sociológico são em grande medida incompreendidos pelos seus concidadãos, pelos seres humanos conformados e acomodados pelo senso comum às visões de mundo aceitas e reproduzidas em sua cotidianidade existencial. “Cada vez mais quer me parecer que o filósofo, sendo *por necessidade* um homem do amanhã e do depois do amanhã, sempre se achou e teve de se achar em contradição com o seu hoje: seu inimigo sempre foi o ideal de hoje.” (NIETZSCHE, 2005, p. 106 - aforismo 212). Mais uma vez Nietzsche se expressa:

Tampouco é ainda meu tempo, alguns nascem póstumos. – Algum dia serão necessárias instituições onde se viva e se ensine tal como entendo o viver e o ensinar: talvez se criam até cátedras para interpretação do Zaratustra. Mas seria completa contradição, se já hoje eu esperasse ouvidos e *mãos* para *minhas* verdades: que hoje não me ouçam, que hoje nada saibam receber de mim, é não só compreensível, parece-me até justo. (...).Tomar em mãos um livro meu parece-me uma das mais raras distinções que alguém se pode conceder – suponho mesmo que tire as sandálias para fazê-lo, ou as botas. (NIETZSCHE, 1995, p. 52 )

Mas, se equivoca tanto quanto os seres humanos vinculados ao senso comum e as preconceitos dele derivados em relação a filosofia e a sociologia, quanto aqueles que a partir destas linhas acima arroladas, deduzir apressadamente de forma rasteira que o exercício do filosofar e o raciocínio sociológico são marcados pela melancolia, pelo ressentimento em relação a incompreensão de homens e mulheres que vivem e convivem no mesmo contexto de mundo, ou ainda, que tal atividade pensante é mercada pelo rancor de filósofos e sociólogos solitários, por não serem reconhecidos pela multidão ávida pelas efêmeras novidades cotidianas, pelas pequenas doses diárias de felicidade na gestão produtiva e consumidora de milhões de indivíduos partícipes da sociedade individualizada. No contraponto destes pressupostos, pode-se dizer que a filosofia e a sociologia são formas de conceber e conduzir a própria vida de forma vibrante, intempestiva, questionadora.

São apostas nas inúmeras possibilidades e desafios que a vida apresenta e pode apresentar ao ser do homem. Um filósofo ou um sociólogo são homens que vivem a intensidade e a profundidade vital de seu próprio tempo e nele fazem suas apostas, correm riscos, aguardam ansioso o desenrolar da trama existencial em curso, sonham, denunciam e anunciam os desdobramentos de certas concepções, idéias e ideologias. Talvez se possa dizer, que o filósofo e o sociólogo como suas propostas filosóficas e sociológicas são a consciência crítica de seu tempo. Não apenas não temem confrontar-se com os equívocos, com as contradições que subjazem nas relações que o homem estabelece consigo, com os outros e, com a totalidade da vida natural em seu entorno, mas, necessita fazê-lo para lembrar às massas humanas, o que significa ser “humano”. Mais uma vez buscamos a clarividência de Nietzsche em torno destas questões:

Um filósofo: é um homem que continuamente vê, vive, ouve suspeita, espera e sonha coisas extraordinárias; que é colhido por seus próprios pensamentos, como se eles viessem de fora, de cima e de baixo, constituindo a *sua* espécie de acontecimentos e coriscos; que talvez ele próprio um temporal, caminhando prenehe de novos raios; um homem fatal, em torno do qual há sempre murmúrio, bramido, rompimento, inquietude. Um filósofo: oh, um ser que tantas vezes foge de si, que muitas vezes tem medo de si – mas é sempre curioso demais para não “voltar a si”... (NIETZSCHE, 2005, p. 176 - aforismo 292).

A partir dos argumentos acima arrolados, compreendemos que o ensino de Filosofia e Sociologia para jovens secundaristas exige, antes de tudo, uma definição estratégica destas áreas do conhecimento humano, em função dos fins educacionais e formativos que se quer alcançar. Mas, para além de uma definição meramente estratégica, instrumental e funcional, há que se ter presente que a Filosofia e a Sociologia se caracterizam pela intensa mobilidade reflexiva, argumentativa e questionadora sobre o mundo e a totalidade de relações nele estabelecidas pelo homem na vida em sociedade.

Portanto, o ensino da filosofia e da sociologia no Ensino Médio, longe de ser uma narrativa da história da filosofia e da sociologia, mesmo que se reconheça a importância da leitura historiográfica em função do reconhecimento de fio condutor do exercício do filosofar e do raciocínio sociológico através dos tempos, pode apresentar-se e contribuir de forma significativa numa sólida formação humana, na medida em que potencializa o exercício do pensamento, da reflexão, da análise e interpretação dos fatos, dos acontecimentos e fenômenos sociais, políticos, econômicos e culturais em curso no contexto de mundo em que se esta inserido.

Desnecessário dizer, mas procurando evitar interpretações simplórias é preciso ter presente, que a filosofia compreendida e definida como aprender a filosofar e a sociologia como exercício sociológico imaginativo, implicam no seu desenvolvimento, reconhecer que em determinados contextos e momentos civilizatórios, filósofos e sociológicos questionaram e procuraram dar respostas aos problemas de seu tempo. O reconhecimento de tais perguntas e possíveis respostas conferidas por filósofos e sociólogos é condição indispensável para que se possa continuar questionando e respondendo as demandas humanas, demasiadamente humanas presentes no mundo em que nos encontramos inseridos e desafiados a colocar em jogo.

Talvez este seja um caminho à ser considerado na relação entre filosofia, sociologia e Ensino Médio, mas sobretudo na contribuição que estas áreas do

conhecimento humano podem proporcionar aos jovens na intensidade de seu fervor e vontade juvenis de compreender o mundo em que estão inseridos. Talvez, se possa afirmar com certa segurança, que o ensino de filosofia e sociologia para os jovens do Ensino Médio é uma necessidade urgente e necessária e, que conjuntamente com a matemática, o português, a história, a geografia, a arte e a educação física, podem conduzir estes jovens ao bem pensar, à criticidade, à criatividade e, sobretudo à desenvolverem a capacidade de imaginarem outras possibilidades e potencialidades para o mundo e, sobretudo, para que o ato de tornar-se humano a partir das contradições características de cada tempo possa continuar a ser desenvolvido com originalidade e potencialidade do pensamento.

O contato com o aluno é em si um processo complexo. Pois afinal de contas, é uma relação social. Mas talvez embasado nesta conclusão, é que pode-se tomar a condição como favorável. Isto porque se é um processo de relação social, quem mais apto a compreender ela do que o sociólogo e o filósofo? Não desconsiderando é claro, mas sim usando como contribuição, os aspectos pedagógicos da sua formação.

Mesmo este trabalho tendo seus objetivos centrais dedicados a uma reflexão teórica entre filosofia e sociologia (aprender a filosofar e imaginação sociológica) na sua relação com o ensino médio, relataremos a seguir uma breve experiência.

### **Descrição Prática**

Partindo para descrição prática desta relação, na busca da interação entre a sociologia e a filosofia, tem-se como exemplo os eventos realizados no município de Canoinhas, região do Planalto norte de Santa Catarina, os Fóruns de Professores de Filosofia e Sociologia da Educação Básica do Planalto Norte de Santa Catarina. Desde 2007 este evento vem sendo realizado anualmente, organizado na parceria entre curso de Ciências Sociais da Universidade do Contestado e a 26ª Gerência de Educação de Canoinhas, que representa na região a Secretaria da Educação do Estado de Santa Catarina. Seu principal objetivo é o reunir os professores de Filosofia e Sociologia das escolas da rede pública estadual e municipal, bem como das escolas particulares do Planalto Norte, num Fórum de debate em torno de

questões centrais que envolvem o ensino de Filosofia e Sociologia na Educação Básica. Além desta intenção, os Fóruns de Professores de Filosofia e Sociologia da Educação Básica do Planalto Norte de Santa Catarina sempre buscaram: 1. Oportunizar aos educadores das redes públicas estaduais, municipais e particulares, que atuam nas áreas de Filosofia e Sociologia, espaço para debaterem as questões relativas ao ensino-aprendizagem das referidas disciplinas; 2. Apresentar aos docentes do Planalto Norte, a proposta de curso integrado entre Filosofia e Ciências Sociais como forma de fortalecer a proposta regionalmente.; 3. Refletir as possibilidades e dificuldades que surgem com a obrigatoriedade do ensino de Filosofia e Sociologia no Ensino Médio.

Desde que o evento foi implantado (2007) várias experiências contribuíram para esta discussão e para o trabalho dos professores no ensino da sociologia e da filosofia na região do Planalto Norte de Santa Catarina: palestras, mesas redondas, grupos de trabalhos, proposta e relatos de experiências em sala de aula, apresentação de trabalhos (relatórios de estágios, trabalhos de conclusão de curso, iniciação científica, etc.), lançamento de livros<sup>4</sup>, etc. Inúmeras discussões foram feitas em nossos eventos anteriores, tratando de temas como: a importância das duas disciplinas no ensino médio; o desenvolvimento do conteúdo disciplinar; de como se aplicar sociologia e filosofia em sala de aula; etc. Destas quero destacar aqui o tema central deste artigo, ou seja, o debate da relação interdisciplinar entre filosofia e sociologia. De como estas duas áreas do conhecimento são tão próximas e se colaboram. Dentre estas colaborações que ocorreram em todos os eventos, este foi cada vez mais um assunto recorrente. Por isso trazemos também chegamos até aqui com a confirmação de que a relação da sociologia e a filosofia, num diálogo entre a “Imaginação sociológica” e o “aprender a filosofar”, é uma proposta promissora no campo da educação básica brasileira.

Este ano teremos mais uma experiência do Fórum de Professores de Filosofia e Sociologia da Educação Básica do Planalto Norte de Santa Catarina, porém tentaremos expandir a região de abrangência do evento. Além dos municípios que compõe a 26ª Gerência de Educação de Canoinhas (Canoinhas, Três Barras, Irineópolis, Bela Vista do Toldo, Major Vieira e Porto União), serão convidados

---

<sup>4</sup> Destaque para duas obras desenvolvidas no curso de Ciências Sociais da Universidade do Contestado que influenciaram (*Manual de Sociologia*, 2007) ou foram consequência (*Possibilidades e Limites das Ciências Sociais em Santa Catarina*, 2010) e dos Fóruns de Professores de Filosofia e Sociologia da Educação Básica do Planalto

professores das cidades vizinhas da 25ª Gerência de Educação de São Bento do Sul (São Bento do Sul, Mafra, Rio Negrinho, Papanduva, Monte Castelo, Campo Alegre). Nosso objetivo é ampliar este diálogo para o estado e, quiçá, um evento regional onde o tema deste artigo possa estar em foco.

## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AGAMBEN, Giorgio. **La Potencia Del Pensamiento: ensayos e conferencias.** Tradución de Flavia Costa y Edgardo Castro. Buenos Aires: Adriano Hidalgo, 200.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? E outros ensaios.** Tradução de Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó, SC: Argos, 2009.

ARENDT, Hannah. A Condição Humana. In: **A Condição Humana.** 9ª ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1999.

BAZZANELLA, Sandro Luiz (coord.). **Manual de Sociologia.** Canoinhas, SC. UnC. 2007.

\_\_\_\_\_. (org.). **Possibilidades e Limites das Ciências Sociais em Santa Catarina** Canoinhas, SC: Ed. Gráfica Nova Letra, 2010.

BOURDIEU, Pierre, et al.. **A Profissão de sociólogo.** Petrópolis,RJ: Vozes, 1999.

GIDDENS, Anthony. **As conseqüências da modernidade.** São Paulo - SP: UNESP, 1991.

\_\_\_\_\_. **Em defesa da sociologia: ensaios, interpretações e tréplicas.** São Paulo: Ed. UNESP, 2001.

HEGEL, G. W.F. Introdução à História da Filosofia. In:\_\_\_\_. **Hegel.** São Paulo: Ed. Abril Cultura, 1974. (Coleção Os pensadores, Vol. XXX).



KANT, Immanuel. **Crítica da Razão Pura**. São Paulo: Ed. Noiva Cultura, 1999.

MILLS, C. Wright. A promessa. In\_\_\_\_\_: **A Imaginação Sociológica**. 6ª ed. Rio de Janeiro: Ed. Zahar, 1982 [1959].

NIETZSCHE, Friedrich Wilhelm. **Além do Bem e do Mal: Prelúdio à uma filosofia do futuro**. Tradução, notas e posfácio Paulo César de Souza. São Paulo: Companhia das Letras, 2005,

\_\_\_\_\_. **Ecce Homo. Como alguém se torna o que é**. 1995. Op.-Cit., p. 52 (Por que escrevo tão bons livros).

NODARI, Alexandre. O pensamento do fim. (In): SELDMAYER, Sabrina; GUIMARÃES, César; OTTE, Georg (Org.). **O comum e a experiência da linguagem**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2007. Páginas 51-68. Op-cit., p. 64.

ORTIZ, Renato (org.). Introdução: A porosidade das fronteiras nas Ciências Sociais. In: \_\_\_\_\_. **A sociologia de Pierre Bourdieu**. São Paulo: Olho d'água, 2005. p. 7-29.